La ONDA digital
Revista de análisis y reflexión
Montevideo Uruguay – 2016

Brasil: Estratégia

Por José Viegas
Aposentado Ambassador. Foi Ministro da Defesa do Brasil

Existe uma ressaca do impeachment. É verdade que as manifestações contra a Presidente Dilma Roussef eram geralmente maiores do que as atuais manifestações contra o Governo de Michel Temer, mas elas continuam e, mais importante, não há manifestações a favor do atual Governo. É possível que essas demonstrações de insatisfação política continuem e que o novo Presidente tenha dificuldades prolongadas em suas eventuais aparições públicas.

Por outro lado, as complicações geradas pelo fatiamento da sentença do impeachment puseram a nu a divisão interna do PMDB e a fragilidade de sua aliança com o PSDB. Isso acentua o desconforto do Governo, já evidente em consequência dos erros cometidos com a formação do Ministério e com diversas declarações infelizes. Este cenário se desenvolverá tanto na luta político-partidária quanto na relação do Governo com as ruas. Não está clara a estratégia que o Planalto adotará.

A relação com o Congresso será testada proximamente em votações importantes, como as relativas ao controle do gasto público e à reforma da previdência. Com o PSDB reticente e com o centrão aparentemente desarticulado, mas sempre à procura de uma chance para exibir seu oportunismo, nada pode ser tido como certo.

Ao construir sua linha de ação, o Governo deverá ter atenção à repercussão de suas iniciativas junto à sociedade civil. Penso que a proposição de medidas que passem à classe trabalhadora e à classe media a sensação de que elas sofrerão as principais consequências dos ajustes econômicos regressivos não ajudará a paz social e a coesão necessária à tranquilidade da nação.

A imposição de uma terceirização "ampla, geral e irrestrita" será vista como um ataque aos interesses dos assalariados e à legislação trabalhista que tem regido a relação entre o capital e o trabalho nos últimos oitenta anos. Ela pode estar desatualizada em alguns pontos, mas ela tem um Norte que é a proteção dos direitos dos trabalhadores. A concomitância dessa iniciativa com o famoso ajuste fiscal e com a reforma da previdência levará o povo às ruas com maior força . Isto, por sua vez,

provocará novos e agudos problemas no relacionamento com o Congresso.

Voltando ao primeiro parágrafo: a atitude da parcela substancial da sociedade civil que apoiou a saída de Dilma transforma-se a olhos vistos em apoio ao prosseguimento da mudança. A sociedade não tem um sentimento de lealdade para com o PMDB, ou para com qualquer partido específico. Do ponto de vista político, o que ela deseja hoje é a renovado radical da classe política e o combate duro e real contra a corrupção. E do ponto de vista econômico, seu anseio maior é a recuperação dos postos de trabalho, o que requer uma política hábil de fomento ao investimento industrial.

Em última análise, o que a sociedade quer é deixar claro que os trabalhadores assalariados não são responsáveis pela deterioração da situação política e sequer têm como pagar pelos ajustes fiscais e econômicos, pois isso compete sobretudo, de fato e de direito, ao capital financeiro, o único beneficiário da crise que assolou e continua a assolar o país.

9/9/2016

La ONDA digital
Revista de análisis y reflexión
Montevideo Uruguay – 2016